

SOCIN E SOCIEX: APROXIMAÇÕES PARADIGMÁTICAS NOS BASTIDORES DO DOUTORADO

Marina Vinha

REUMO: O presente artigo objetivou expor reflexivamente o sinergismo doutorado-evolução consciencial, a fim de elucidar as *aproximações interparadigmáticas* socin-sociex. Os procedimentos metodológicos foram: (a) referencial bibliográfico obtido em Elias, nas temáticas sociedade e processo civilizador; e em Vieira com ênfase nos ciclos socin-sociex e abertismo consciencial; (b) registros pessoais do período 2000–2004 tratando das autoreciclagens em coitejo com o paradigma consciencial; e (c) consulta aos verbetes da Enciclopédia da Conscienciologia, relacionados ao tema Interparadigmologia. O estudo mostrou a visão mecanicista de Socin na metáfora ‘camadas de cebola’ e com mais abertura à visão mecanicista das ‘teias de interrelações humanas’, estando esta regida por forças ‘cegas’ e sociais. Tal ampliação me levou à apreensão da Sociex, no paradigma consciencial. Nas considerações finais, considera-se o avanço cognitivo, a possibilidade de recuperação das escolhas intermissivistas e a compreensão mais afetuosa e realista do viver intrafísico.

PALAVRAS-CHAVE: Aproximação Paradigmática; Crescendo Evolutivo; Sociedade Intrafísica; Sociedade Extrafísica; Transição Autoparadigmática.

INTRODUÇÃO

A temática proposta pela revista *Interparadigmas* nº11/2023, com o tema “Sinergia Doutorado-Evolução Consciencial”, suscitou, em mim, o propósito de socializar um fato marcante do período de estudos de pós-graduação, nível doutorado, realizado entre 2000 e 2004. O artigo trata desta fase pródiga na interlocução entre o paradigma acadêmico e o consciencial.

Naquele período, eu já conhecia alguns elementos iniciais do paradigma consciencial, dentre eles, a visão ampliada de sociedade (Socin), abrangendo as *parassociedades* (Sociexes). Particularmente, mantinha certo autocontrole ao me posicionar na academia, delimitada apenas à Socin, sem ampliar aos *parafatos* da Sociex. Em vista desses conhecimentos, o objetivo deste artigo é o de expor reflexivamente o sinergismo doutorado-evolução consciencial, a fim de elucidar a aproximação interparadigmática Socin-Sociex.

Os procedimentos metodológicos tiveram as seguintes etapas: (a) busca por referencial bibliográfico obtido em Elias (1897-1990), voltado à temática humanos em Socins e seus processos civilizadores de longo prazo; e Vieira (1932-

2015), com ênfase nas consciências sob os ciclos seriexiológicos Socin-Sociex; (b) registros pessoais relativos ao período de 2000 a 2004, tratando das reciclagens ocorridas durante a apreensão da teoria sociológica acadêmica, em cotejo com o paradigma consciencial; e (c) consulta aos verbetes da Enciclopédia da Conscienciologia, mais especificamente os relacionados ao tema Interparadigmologia. O presente artigo está organizado em 3 seções, sendo elas: (1) Transição Paradigmática; (2) Aproximações Evolutivas – Paradigmas Acadêmico e Consciencial; e (3) Crescendo Interparadigmático.

Na primeira parte deste trabalho, apresento a *Transição Paradigmática* trazendo conceitos sobre paradigma, transição paradigmática, *endoconflito* e transição *autoparadigmática*. Na segunda parte, *Aproximações Evolutivas – Paradigmas Acadêmico e Consciencial*, trago as questões da Socin e da Sociex em contrapontos com os matizes dos paradigmas materialista e consciencial. E na terceira parte, explico o *Crescendo Interparadigmático* vivenciado ao ter conhecido o paradigma consciencial.

1. TRANSIÇÃO PARADIGMÁTICA

O *paradigma* é entendido como modelo de interpretação da realidade ou visão de mundo. Foi o físico Kuhn (1922-1996) quem contribuiu para o uso do termo paradigma na Ciência ao afirmar “considero ‘paradigmas’ as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (Kuhn, 1998, p. 12).

O *paradigma consciencial* é a “teoria-líder da Conscienciologia fundamentada na própria consciência”, embasando a autopesquisa, o método, as reflexões e análises, explica Vieira (2008, p. 1.107), propositor da neociência. Dele emana a compreensão de *transição paradigmática*, ou seja, “a passagem ou transposição de modelo cosmovisiológico por parte da conscin, homem ou mulher, demarcando a troca do arcabouço de automanifestação obsoleto ou anacrônico, para outro considerado coerente ao atual momento autevolutivo” (Michelan, 2019, p. 33.167).

Sob o âmbito da intraconsciencialidade, a *transição interparadigmática* é um processo sob a perspectiva de algo em trânsito, não de mudança. Por sua vez, a *transição autoparadigmática* “promove gradualmente alterações em toda manifestação da consciência. Impacta a percepção das prioridades da proéxis, a escolha das gescons, a organização das reconciliações, entre outros aspectos” (Zaslavsky *et al*, 2019, p. 87).

Portanto, ao escrever este *texto interparadigmático*, sua característica é de obra reflexiva e crítica que vai constituindo “correlações entre o paradigma consciencial e outros modelos teórico-metodológicos de conhecimento” (Ribeiro *et al.* 2022, p. 93). A gesconografia discorre analisando as dúvidas, os impasses e os dilemas que permeiam o contexto interparadigmático. E este processo contribui para a transição paradigmática extensiva ao autoparadigma.

No conjunto, o processo da transição *autoparadigmática* foi permeado por *endoconflito*, ou seja, “situação na qual há pelo menos duas necessidades simultâneas, cuja satisfação da primeira implica a insatisfação da segunda, impelindo a ação da conscin para direções diferentes, acarretando desconforto”, esclarece Loche (2002, p. 156).

Para mim, a Socin estava organizada ao modo eliasiano em que o “eu”, o “nós” e o “eles/outros” estávamos nela, éramos constitutivos da Socin. Ao ampliar a existencialidade conviviológica simultânea com outros seres também organizados, embora desprovidos de seus corpos físicos, as consciex, e outros tipos de consciências inimagináveis, gerou desconforto cognitivo. Os reflexos desse endoconflito gerou necessidade de reciclar, no sentido de superar a imaginação e o dogmatismo.

As aproximações teórico-paradigmáticas acadêmicas e as conscienciais, respectivamente vindas da sociologia figuracional, proposta por Elias (2008) e as do paradigma consciencial, segundo Vieira (1999), desencadearam minha transição gradativa, no embalo da crise de crescimento. Dito de outra forma, buscava compreender a Socin sob redes de interdependência, simultaneamente constatar a concomitância de presenças de consciex com suas para-organizações e a intervenção reurbanizatória extrafísica incidindo no intrafísico.

Loche (2002, p. 156) explica que quando compreendemos o conflito “na condição de forças opostas em choque, e transpor o conceito para o microuniverso consciencial, o endoconflito irá constituir-se de forças intraconscienciais em contraposição”. Instalado dentro da consciência, a conscin sujeita a aceitar a transição paradigmática passa a buscar “compreender o endoconflito”. A confrontação de forças, ou de aproximações paradigmáticas ampliadas gerou em mim “ação ou movimento” motivando o *crescendo* paradigmático.

O *crescendo evolutivo* consiste na “ação progressiva da consciência em algum campo específico de atividade, neste caso, de natureza cosmoética” (Vieira, 2009, 11.706). Numa visão mais específica, Nader (2012, p. 170) compreende o *crescendo* na perspectiva de “processo de amplificação ou do desenvolvimento da ideia, ação, fato, empreendimento ou objetivo, a partir do estado primitivo original para outra mais à frente”. Ambos os conceitos focam na transição. Contudo, Nader destaca que embora o *crescendo* seja de “mudança gradual, paulatina e contínua” sua natureza pode ser sadia, patológica, evolutiva ou regressiva.

No meu caso a transição foi sadia, resultante da auto-reciclagem mentalso-mática. Frente ao exposto, o artigo oportuniza partilhar a *releitura* da autoreciclagem, até então reservada ao foro íntimo, provocada pelo paradigma consciencial, levando-me ao abertismo e ao realinhamento existencial.

2. CRESCENDO EVOLUTIVO – PARADIGMAS ACADÊMICO E CONSCIENCIAL

A tese defendida em 2004 na Faculdade de Educação Física da Unicamp, “Corpo-sujeito Kadiwéu: jogo e esporte”, foi realizada na linha de pesquisa *Desenvolvimento Corporal no Contexto da Sociedade e Cultura*. A especificidade da linha visava comportar pesquisas pertinentes à atividade física numa dimensão histórica e antropológica, elegendando as representações sociais, o lazer, as adaptações bio- socioculturais e as diferentes sociedades, com ênfase em populações indígenas.

Embora a tese tenha sido realizada na área da Saúde/Educação Física, o caráter multidisciplinar da linha me levou a três outros campos de conhecimento: (1) Antropologia, na busca de conceitos sobre mito, ritual e etnografia; (2) Sociologia, na busca dos conceitos de processo civilizador, figurações, inter-relações e poder; e (3) História, na busca do rigor na obtenção da memória oral, na averiguação do relato factual nos diferentes períodos históricos (Vinha, 2004).

Do conjunto teórico-conceitual da tese priorizei, neste artigo, o tema *sociedade*, obtido no campo de conhecimento da Sociologia e a aproximação paradigmática que me levou ao *crescendo cognitivo-evolutivo* das *parassociedades*, obtido na teoria e prática (teática) do paradigma consciencial.

O conceito de sociedade era fundante, na estrutura da tese, por ter como objeto de estudo um povo indígena vivendo com estrutura social própria, semelhante à sociedade de castas, imersa no contexto de um Estado-nação complexo, cujas especificidades geraram e geram tensões e conflitos (Vinha, 2004).

2.1. Teoria Eliasiana

Para compreender as diferentes formas grupais de vida foi buscada na teoria do processo civilizador, segundo Elias (2008), a relação indivíduo-sociedade, ou relação eu-nós-eles. A obra de Elias está situada no paradigma acadêmico das Ciências Sociais, focada no campo da Sociologia, inter-relacionando dados históricos, psicanalíticos e da Ciência Política.

Nesse sentido, Elias (2008) refutou algumas certezas da Sociologia de sua época trazendo para a academia, por exemplo, normas de conduta, costumes e transições de modo de ser realizadas em longo prazo. Destaco a refutação do autor que influenciou e tem influenciado algumas teorias sociológicas, na qual o “eu” ocupa um lugar egocêntrico rodeado por estruturas sociais, cunhada na metáfora “camadas da cebola”, explicitada na Figura 1 (Elias, 2008, p. 13-15).

Figura 1. Diagrama do padrão básico de uma visão egocêntrica da sociedade.



Fonte: Elias (2008, p. 14)

A Figura 1 “mostra a pessoa individual, o ego particular rodeado de estruturas sociais” (Elias, 2008, p. 15). Figurações como “a universidade, a cidade, o sistema e inúmeras outras, podem ser substituídas por família, escola, indústria ou estado” (Idem, 2008, p. 14).

Tais estruturas, segundo o sociólogo (2008, p. 15), são “entendidas como objectos(sic) em cima e acima do ego individual”. Este é um dos conceitos de sociedade no paradigma mecanicista. A reificação deste conceito cria barreira e distorce a compreensão da vida social, explica o sociólogo. A distorção vem por entender a sociedade “constituída por estruturas que nos são exteriores – aos indivíduos – e os indivíduos são simultaneamente rodeados pela sociedade e separados dela por uma barreira invisível” (Elias, 2008, p. 15).

O autor explicita a origem da formulação da Figura 1, ou seja, sua construção paradigmática, ou sua concepção tradicional vinda da “transposição automática de modos de pensar e de falar, primeiramente desenvolvidos e testados na investigação de relações naturais em física e em química” (Elias, 2008, p. 16).

“A maneira corrente de formarmos as palavras e os conceitos reforça a tendência do nosso pensamento para reificar e desumanizar as estruturas sociais, expressada na figura 1”, argumenta o sociólogo (2008, p. 16). Assim, a inadequação do modelo do paradigma mecanicista das Ciências Duras (*Hard Science*), por

exemplo, Física e Química; para o das Ciências Suaves, a exemplo da Sociologia e Antropologia, fundamenta-se em duas constatações comparativas:

[...] é impossível para o pesquisador intervir nas condições da experiência, como é o caso nas ciências físico-químicas; impossível observar uma repetição regular de configurações, como é o caso em astronomia (Blondel, 2001, p. 46).

A distância entre o raciocínio hipotético-dedutivo, o qual permite analisar e prever fenômenos físico-químicos e astronômicos, diante das flexíveis análises sócio-históricas, não resulta apenas da “tenra idade dessas últimas em relação às disciplinas que submetem as observações às leis”. A rigidez das leis naturais chega a desempenhar o papel de contra pensamentos ou obstáculos epistemológicos às Ciências Sociais e Humanas (Blondel, 2001, p. 46).

Os fatores acima citados indicam como a teoria eliasiana contribuiu para a *aproximação paradigmática* e meu *crescendo cognitivo-conceitual-evolutivo*. Ela ampliou a compreensão de sociedade intrafísica (socin) deixando à deriva as estatísticas e variáveis, por não captarem ‘coisas’ não conceituadas nas pesquisas Sociais. A partir dessa ampliação, a qual me foi muito cara no período acadêmico, aproximei-me da compreensão de Sociex.

Hoje, compreendo com mais clareza esta extrapolação paradigmática. Se eu não conhecesse a Conscienciologia, não teria argumentos reflexivos para compreendê-la. Mesmo já tendo conhecimento da constituição diferenciada das socins indígenas, por envolver o extrafísico (espíritos da floresta e dos seres), a relação com a fauna, a flora e “conferindo dignidade de pessoa aos não humanos e aos seres extrafísicos”, acrescida da perspectiva eliasiana de pessoas inter-relacionadas, descobri que ambas são da mesma matriz materialista. Ambas têm alcance na intrafiscalidade e o objeto de estudo é o ‘outro’.

A questão positiva é que Elias (2008, p. 14) refutou a ideia egocêntrica de sociedade, na qual o “eu” individual está rodeado por estruturas sociais, conforme a figura 1; e Viveiros de Castro (2005, p. 126) deu um passo além ao explicitar a constituição das sociedades indígenas afirmando em poucas palavras que “[...] uma atitude básica das culturas indígenas, diríamos que as relações entre uma sociedade e os componentes de seu ambiente são pensadas e vividas como relações sociais, isto é, relações entre pessoas”, referindo-se ao reconhecimento social dos povos étnicos para com os seres da floresta e os espíritos das coisas.

Os dados científicos vindos do sociólogo e do antropólogo me levaram a adotar o termo *pessoa* para entender a constituição das sociedades intrafísicas.

Contudo, o paradigma consciencial trazia algo mais, ou seja, o termo *consciência extrafísica* (consciex) para designar *pessoa* que não tem corpo físico, mas coabita ambas as sociedades.

2.1 Aproximações Eliasianas e Conscienciológicas

Retomando o foco na questão socin-sociex, reconheço que Elias (2008) foi meu amparo intelectual, por compreender a Socin constitutiva de interdependências e inter-relações entre *pessoas*, mesmo não envolvendo o extrafísico. O sociólogo esboçou, flertou, mas, por se reconhecer ‘ateu’ ficou no campo das crenças, do inexplicável ou do “processo cego”, termo usado por ele para argumentar acerca do inexplicável.

Algo semelhante ocorreu em relação ao pesquisador Viveiros de Castro (2005, p. 126), pois, mesmo reconhecendo que os indígenas conferiam “dignidade de pessoa aos não humanos” e realizavam curas com participação de espíritos (seres extrafísicos), ele não avançou na extrapolação para as consciexes indígenas. Esse contexto me levou a refletir sobre o reducionismo do paradigma acadêmico materialista, embora mais humanizado, a exemplo das áreas antropológica e sociológica.

O constructo eliasiano e o de Viveiros de Castro me aproximaram, num crescendo, para o que Vieira (2005, p. 24) denominou *abertismo consciencial* – “condição avançada da conscin neofílica com abertura omnilateral da autopensividade ao conhecimento quanto à evolução da consciência”. Sob o referencial de Vieira (2008, p. 24), congratulo-me com os acadêmicos e corroboro com a ideia de que “em Ciência, cada antigo ponto de vista abandonado significa novo passo de visão científica dado à frente.”

Delimitado à intrafísicalidade, mas mentalsomaticamente na fronteira do ‘desconhecido’, inferi que Elias (2008) trouxe a condição humana interdependente, constituída por emaranhados de conscins em grupos, comunidades e sociedades, mesmo não tendo o conceito de grupocarma e policarma. Na minha aproximação, o sentido eliasiano das relações interconscienciais emaranhadas estão sob “a conta corrente da consciência em relação ao seu grupo ressomático, compõe o seu grupocarma evolutivo, derivado das atividades interpessoais” (Vieira, 2010, p. 384).

Elias (2008, p. 17) me levou a compreender a causa a que estamos todos sujeitos no viver inter-relacional, ou as forças que nos compelem a evoluir civilizadamente⁵, destacando dois fatores: (a) forças cegas, compulsivas, “cujos efeitos

5 O autor estudou também os processos descivilizadores humanos, não aprofundado no presente estudo.

são destruidores e destituídos de qualquer significado, causando muito sofrimento”; e (b) forças sociais, “exercidas pelas pessoas, sobre outras pessoas e sobre elas próprias”.

As *forças cegas* vêm prioritariamente da natureza, segundo o autor. Contudo, Elias desconhecia a Sociex e suas equipes extrafísicas atuando na reurbanização do Planeta Terra. *Reurbanizar* significa ampliar, reorganizar espaços inserindo infraestruturas para qualificar a vida intrafísica e o desenvolvimento humano.

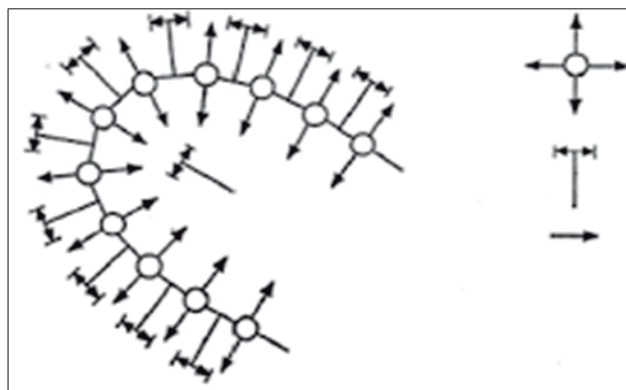
Por sua vez, *reurbanização extrafísica* (reurbex), conceito desconhecido de Elias, mas conhecido por mim, consiste na “mudança para melhor dos ambientes e comunidades extrafísicas doentias, anticosmoeticamente degradados, patrocinada pelos Serenões”. A finalidade desse feito extrafísico é a de “higienizar o holopense intrafísico das áreas das Socins sobre as quais exercem influência antievolutiva e deletéria para a Humanidade”, explica Vieira (2005, p. 246).

Elias citou várias vezes sobre o *decurso cego* das *forças compulsivas*, por desconhecer a origem e o motivo de tais forças; sendo que Vieira (2010, p. 550) esclareceu “ser este o maior esforço de desassédio coletivo e de reurbanização extrafísica já empreendido neste Planeta, em todos os tempos, ou em seus multimilenares ciclos multiexistenciais”.

Já as *forças sociais*, na teoria eliasiana, resultam da *psicogênese* e *sociogênese*, duas teorias propostas pelo autor para compreender o processo civilizador ocidental. A *psicogênese* trata da transformação do comportamento, das estruturas da personalidade e corresponde ao processo psíquico que se estende por gerações, resultante “de um processo civilizador social operante durante muitos séculos”, explica Elias (1994, p. 15).

A *psicogênese* “não pode ser compreendida se estudada independentemente da *sociogênese* de nossa “civilização””. A *sociogênese* se ocupa de “alguns dos processos que a sociedade experimentou em sua longa história”, os quais, de uma forma ou outra, acabam influenciando e alterando as estruturas psicológicas das pessoas (Elias, 1994, p. 15).

Para reorientar a compreensão sociológica figuracional, ou as inter-relações pessoais, o autor sintetizou a ideia expressa na Figura 2 (Elias, 2008, p. 15 - 16).

Figura 2. Diagrama de representação de indivíduos interdependentes (família, estado, grupos etc.)

Fonte: Elias (2008, p. 15)

Na Figura 2 há três símbolos: o *símbolo A*, localizado à direita e acima indica o indivíduo, o ego aberto para todos os lados, o Eu. O *símbolo B*, localizado abaixo do símbolo A, consiste em uma barra vertical, com setas à direita e à esquerda, indicando as forças de poder, a instabilidade das forças, para mais ou menos, na balança de poder social. E o *símbolo C*, localizado abaixo do símbolo B, consiste em uma seta com indicação para a direita, representando valências não anexadas, ou seja, não planejadas ou ‘cegas’.

A exposição das ideias eliasianas está abreviada, priorizei o conceito acadêmico de sociedade cujas inter-relações humanas provocaram em mim o *crecendo evolutivo*, quanto contribuíram para cotejos entre o que vivenciava no voluntariado do Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC), em São Paulo (SP), simultâneo aos estudos de doutoramento na Unicamp/ Campinas-SP.

Conhecer a Conscienciologia desde o IIPC-Campo Grande/MS e voluntariar em SP me aproximava cada vez mais do paradigma consciencial. Assim, quando Elias (2008, p. 16) alertou para o fato de que “temos que estar conscientes de nós próprios como seres humanos entre outros seres humanos” e de que constituímos *teias* de indivíduos, alegrei-me por ter encontrado uma teoria acadêmica com um passo além, no bojo do paradigma mecanicista.

Nos bastidores da fase de escrita da tese havia uma expansão intelectual devido à teoria sociológica e, simultaneamente, conscientizava-me de que alguns componentes dos pilares⁶ do paradigma consciencial, como a multidimensionalidade e a serialidade, eram aspectos faltantes na referida perspectiva acadêmica

6 Pilares do Paradigma consciencial: bioenergia, multidimensionalidade, holossoma, serialidade, cosmoética, universalismo, autoexperimentação.

eliasiana. A partir das reflexões, conscientizei-me de que outros seres, na condição de consciexes, estavam presentes no nosso viver social intrafísico.

Embora esteja relatando esse referencial teórico-sociológico e reflexões *parassociológicas* após 20 anos de conclusão do doutorado, sentia uma exigência interior de expor esta casuística dos processos intelectual e evolutivo. O conceito de Sociexes não foi introduzido na tese, ele apenas pulsava na minha consciência. O paradigma consciencial reconhece a Sociologia como a “Ciência das relações interpessoais em determinada comunidade humana ou entre grupos sociais diferentes”. Extrapolando este reducionismo, o paradigma consciencial ampliou para a cosmovisão, voltando-se para as “relações interconscienciais em todas as dimensões onde se manifesta a consciência” (conscin), estando ela projetada ou já tendo descartado o soma, no caso das consciex, explica Vieira (2013, p. 75).

Esse novo *habitat* consciencial recebe várias denominações – *Parassociedade*, Grupos *Parassociais* Extrafísicos, Sociedade Extrafísica ou Sociex –, explica o propositor do paradigma consciencial Vieira (2013, p. 74). Nas Sociexes convivem as consciexes da *Parahumanidade*, tendo elas diferentes níveis de consciencialidade⁷.

Enquanto a teoria sociológica afirmava que no cotidiano da rede de inter-relações “cada um de nós, indivíduo, imprime significado quando expressa “a minha aldeia”, “a minha universidade” ou “o meu país”; na cientificidade sociológica eliasiana essas mesmas estruturas sociais também são “minhas”, “deles”, “nossas”, “vossas”, “deles”, e ampliando para o paradigma consciencial, faz-se necessário acrescentar que são também das “consciexes”.

Na interlocução Socin-Sociex, o paradigma consciencial ficou mais esclarecido e as aproximações teóricas fortaleceram, em mim, o constructo de *minipeça em evolução*, inserida na teia de inter-relações intra e extrafísica. A minipeça se refere à atuação assistencial, interconsciencial, multidimensional e cosmovisiológico, mesmo que a lucidez seja processual.

3. CRESCENDO INTERPARADIGMÁTICO

A *aproximação interparadigmática* redirecionou a pesquisa exclusivamente acadêmica para a pesquisa do microuniverso pessoal. A perspectiva eliasiana das *teias figuracionais* contribuíram para a elaboração da tese, assim como abriu o horizonte para a ressignificação existencial, revisão da programação existencial e produção de grafopenses evolutivos.

⁷ A Escala Evolutiva é um referencial e esclarece os diferentes níveis conscienciais.

No aprofundamento em relação à Sociex, a expansão conceitual proporcionada pelo paradigma consciencial marcou, em mim, a importância dos neologismos. Elias (2008) pontuou acerca desse tipo de força, a do pensamento e da linguagem cristalizados em palavras, muitas dos quais não refletem mais a realidade. De modo que criou termos e neologismos para esclarecer sua teoria. A ciência convencional também emprega neologismos, há tempos.

O paradigma consciencial, para esclarecer suas verdades relativas de ponta (verpons), faz uso de neologismos que permitem abrir a cognição para as neociências “consideradas secundárias, ou mais apropriadamente, desconhecidas”, possibilitando serem pesquisadas (Vieira, 2014, p. 40).

O posicionamento do pesquisador conscienciológico requer “auto esforço de trocar as expressões amadoras, psicossomáticas e ultrapassadas das iniciações remotas pela Terminologia e Nomenclatura técnica, mentalsomática e racional da Neociência Conscienciologia” (Vieira, p. 214, p. 214).

Considero um despertar consciencial ter estudado a sociedade humana de modo mais complexo, além da perspectiva eliasiana e dos aportes dos estudos sobre sociedades indígenas. O passo seguinte foi e está sendo o impacto resultante dessas *aproximações* na perspectiva evolutiva me direcionando para os estudos da maxifraternidade. Explico o porquê: “as comunidades das Sociexes mais evoluídas mantêm o clima ou holopensene interconsciencial antiegotocêntrico, apresentando alto nível de maxifraternidade” (Vieira, 2013, p. 197). Buscar essas fontes significa voltar ao pacifismo, à assistencialidade evolutiva pela tarefa do esclarecimento (tares), mesmo que na Socin ainda haja predominância de emocionalismos e dos egos.

As *aproximações* estão me proporcionando *crescendos evolutivos*, os quais me levam a observar muitos aficionados ainda nas *camadas da cebola*, outros reconhecendo as complexidades da *teia de interdependência* e alguns buscando se envolver nas inter-relações sob a maxifraternidade socin-sociex. Assim, o curso de doutorado promoveu uma imersão profunda na temática em estudo e essa imersão intelectual proporcionou dialogar com novos conhecimentos, ampliando a criticidade e a lucidez.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o *objetivo* de expor reflexivamente o sinergismo doutorado-evolução consciencial elucidando as *aproximações interparadigmáticas* socin-sociex, entendendo que o registro do fato me trouxe mais assertividade em relação a ser consciência multidimensional e não apenas a pessoa que hoje sou.

A lógica proposta por Elias ampliou consideravelmente a compreensão da sociedade intrafísica, ao argumentar que as pessoas vivem em *teias de interdependência* e que há uma interligação humana, constituindo diferentes figurações. O processo civilizador de longo prazo e guiado por forças cegas e sociais pode ser compreendido sob o ponto de vista do paradigma consciencial, o que amplia a perspectiva terrena para a inter-relações conscin-consciex e a revitalização promovida pela reurbex.

Extrapolando positivamente os estudos acadêmicos, as *aproximações teórico-evolutivas* me conduziram para a apreensão de que o paradigma consciencial amplia não apenas a cognição, mas pode (i) recuperar e perspectivar as escolhas, na hipótese de intermissivista, realizadas no ciclo ressonância-dessonância (nascer-morrer), (ii) a compreensão mais afetuosa do viver intrafísico e (iii) calçar a caminhada da transição evolutiva contínua, rumo à completude do paradigma consciencial.

Hoje reconheço a positividade do *endoconflito*, pois, diferentemente, se tivesse manifestado rejeição ao cotejo socin-sociex estaria sob predominância psicossomática, produzindo discordância e indicando desconhecimento sobre inteligência evolutiva (i.e.). O fato é que a *aproximação paradigmática* foi silenciada na minha publicação científica, mas ficou presente pensivamente, marcando a *transição autoparadigmática* com apreensão e admiração pelo conhecimento vindo do paradigma consciencial.

Portanto, ao objetivar a reflexão no que concerne ao sinergismo doutorado-autodescobertas transformadoras mostro os significados evolutivos presentes, embora pouco elucidados naquele período de estudo, obnubilados pela força do paradigma acadêmico e, simultaneamente, latentes no meu interior.

REFERÊNCIAS

- Blondel, J. (2001). Encadeamentos e Regularidades nas “Ciências da Cultura”: Seguindo Friedrich Nietzsche, Max Weber, Norbert Elias. In: Garrigou, Alain e Lacroix, Bernard (Orgs.). *Norbert Elias: a Política e a História*. Série Estudos, Editora Perspectiva S.A., São Paulo, p. 44 - 64.
- Elias, N. (2008). *Norbert Elias - Introdução à Sociologia*. Reimpressão, Edições 70, Portugal-Lisboa.
- Kuhn, T. S. (1998). *A Estrutura das Revoluções Científicas*. Editora Perspectiva S.A, 5ª Edição, p. 13.
- Loche, L. (2002). Anticonflituosidade consciencial. *Conscientia*, out./dez., p. 155-165, p. 156.
- Michelan, A. (2019). Transição Paradigmática. *Verbete da Conscienciologia* N°4798, p. 33.167 - 33.171.

- Nader, R. (2012). *Manual de Verbetografia - da Enciclopédia da Conscienciologia*. Editares: Foz do Iguaçu-PR.
- Ribeiro, L.; Zaslavsky, A; Hoffman, A.; Vinha, M.; Brito, K.; Costa, V. (2022). Texto Interparadigmático. In: *Interparadigmas*, ano 10, N. 10, p. 93 - 114.
- Vieira, Waldo (1999). *Projeciologia: Panorama das Experiências Fora do Corpo Humano*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia.
- Vieira, Waldo (2009). Crescendo Evolutivo. *Verbetes da Conscienciologia* Nº 1423, p. 11.706 – 11.710.
- Vieira, Waldo (2014). *Dicionário de Argumentos da Conscienciologia*. Editares – Foz do Iguaçu.
- Vieira, Waldo (2014). *Dicionário de Neologismos da Conscienciologia*. Organização de Lourdes Pinheiro. Foz do Iguaçu: Editares, p. 7.
- Vinha, Marina (2004). *Corpo-sujeito Kadiwéu: jogo e esporte*. Tese. Obtida em: <https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/335211>. Acesso: 20 maio 2023.
- Viveiros de Castro, Eduardo (2005). O perspectivismo ameríndio ou a natureza em pessoa. *Revista Ciência & Ambiente*, julho – agosto de 2005, p. 136.
- Zaslavsky *et al.*, Alexandre (2019). Diagrama de Transição Autoparadigmática. *Interparadigmas*, ano 7, nº 7, p. 85-108.
- Zaslavsky, Alexandre (2022). Interparadigmologia. *Verbetes da Conscienciologia*, Nº 6064, p. 20.088 – 20.093.

Marina Vinha é Professora-doutora em Educação Física, voluntária da revista *Interparadigmas* e da IC Tenepes, tenepessista.

